

POVOS INDÍGENAS NO BRASIL

FONTE : OESP

CLASS. : 63

DATA : 1 7 80

PG. : 20

Erro da BP causou devastação

Funcionário da empresa admite que não houve planejamento adequado para projetos na Amazônia

MÔNICA TORRES MAIA

PORTO VELHO — Um alto funcionário da British Petroleum (BP) no Brasil admitiu que não houve planejamento adequado ao meio ambiente na aplicação de seus projetos de mineração no País. "Houve falhas", confidenciou. A empresa britânica não permite entrevistas. A BP foi acusada pelo jornal londrino *The Sunday Times* de ter desmatado cerca de cem mil hectares da Floresta Nacional de Jamari, em Rondônia. A BP afirma ter desmatado apenas nove mil hectares, o número oficial da destruição ainda não foi definido.

O Instituto Brasileiro do Meio Ambiente e dos Recursos Naturais Renováveis (Ibama) confirmou a denúncia nesta semana, baseado somente em dados fornecidos pela BP. Nos próximos dias, o presidente do Ibama, Fernando César Mesquita, que visitou a região na quinta-feira, pedirá ao Instituto Nacional de Pesquisas Espaciais (Inpe) imagens de satélite para verificar a real extensão do estrago.

Há falhas da empresa e de entidades governamentais. A BP informa que desmatou nove mil hectares da área de 59.500 hectares onde tem direitos de lavra concedidos pelo Departamento Nacional de Produção Mineral (DNPM). Somando esses direitos aos alvarás de pes-



Ricardo Chaves/AE

Barragem para lavar cassiterita: charco no lugar da mata

quisa, alguns ainda não usados pela empresa, chega-se a cem mil hectares de área total onde a BP está autorizada a trabalhar em Rondônia.

O DNPM emitiu a primeira dessas autorizações de lavra em 1969 para a Mineração Jacundá, subsidiária brasileira da BP a partir de 1981. Antes disso, outras multinacionais detiveram ações da empresa e, por essa razão, podem ser chamadas de

co-patrocinadoras da destruição.

APURAÇÃO

A denúncia do *The Sunday Times* levou o próprio presidente do Ibama a ir a Rondônia apurar os fatos. Ele voou mais de três horas de helicóptero sobre cerca de 500 quilômetros da área, desde as margens da BR-364 até Ariquemes (RO), a 200 quilômetros de Porto Velho, e grande

parte dos 215 mil hectares da Floresta de Jamari.

Nessa viagem, ele constatou que há devastação: milhares de árvores abatidas por toda a região tanto por projetos governamentais quanto por particulares autorizados por frentes ilegais. O garimpo do Bom Futuro, próximo de Ariquemes, por exemplo, é um gigantesco charco de lama aberto no meio da floresta. Aproximadamente 15 mil pessoas se aglomeram ali em casas de madeira improvisadas e produzem, desde 1987, 40% das 44 mil toneladas de cassiterita do País. Já em Jamari, a compacta floresta é atravessada, em seis locais, por lavras de cassiterita da Mineração Jacundá. Duas delas — a de Serra da Onça e a do Village — estão em atividade. As outras, em áreas que variam de 50 a 200 hectares, segundo a BP, foram desativadas há dois anos e assim ficaram.

O chefe regional do DNPM, geólogo Deolindo de Carvalho Neto, sabe que a recuperação ambiental é obrigatória, mas não em que prazo. Ele e sua pequena equipe de dois fiscais não realizam nenhuma viagem de inspeção faz seis meses por falta de recursos. As 12 barragens construídas pela BP para lavagem do minério produzem ainda mais impacto. De acordo com a empresa, foram inundados por ela sete mil hectares — o que só o satélite confirmará. Nesse caso, a BP lamenta sua desinformação aqui no Brasil. "Poderíamos abrir as barragens das lavras desativadas, fazendo as águas voltarem ao seu curso normal", disse a fonte, depois de sugestão do Ibama.